

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Memórias do Comércio - Campinas (MCCAMP)

Trinta e poucos anos de feira

História de [Jair Toledo](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 09/07/2009

P/1 – Eu queria começar a entrevista com você dizendo a sua data de nascimento completa... (risos) Na verdade, eu estou mexendo com você... Quería que você dissesse o seu nome completo, o local e a data do seu nascimento.

R – Jair Toledo. Nasci em 12 de janeiro de 1942.

P/1 – E você nasceu aqui em Campinas?

R – Na cidade de Campinas.

P/1 – Na cidade de Campinas. Jair, o nome dos seus pais?

R – Antonio Toledo e Encarnação Santiago Toledo.

P/1 – E qual a origem, Jair, dessa sua família? Espanhola?

R – É. Espanhola.

P/1 – Os dois? Pai e mãe?

R – Os dois. Pai e mãe são todos espanhóis.

P/1 – Mas eles são nascidos no Brasil ou são imigrantes?

R – Os meus pais, no Brasil; meus quatro avós, espanhóis.

P/1 – Foram eles que vieram então?

R – Eles que vieram.

P/1 – Você lembra o nome dos seus avós, Jair? Por parte de pai...

R – Do meu pai eu lembro que era Miguel Toledo e a minha avó Dolores... Ela era parte de Munhoz e de Reis, e também Toledo. O da parte da minha mãe eu nem conheci; nem a minha mãe conheceu também. Quando a minha mãe nasceu, tempos depois, pouco tempo depois, ela faleceu e o nome do meu avô por parte da minha...

P/1 – Sua mãe?

R – Minha mãe era Antonio também.

P/1 – E Jair, você sabe a história de como é que os seus avós vieram? Seus pais contaram pra você?

R – Eles vieram da Espanha em navios e vieram direto pra roça.

P/1 – Aqui pra região?

R – Pra região de Campinas.

P/1 – Direto, direto?

R – Direto.

P/1 – E o que eles faziam? Trabalhavam como lavradores ou...

R – Como lavradores.

P/1 – Seus pais se conheceram aqui no Brasil?

R – Sim, aqui no Brasil.

P/1 – Você sabe a história de como eles se conheceram?

R – Se conheceram no Distrito de Sousas. Os meus avós moravam por lá, eles tinham sítios, né, por ali e acabaram se conhecendo no Distrito de Sousas. Ali se conheceram, se casaram por lá também.

P/1 – E você tem irmãos Jair?

R – Uma irmã.

P/1 – E como ela chama?

R – Edna Toledo.

P/1 – Edna Toledo. E, Jair, seus pais também tinham essa atividade na lavoura ou eles já tinham outro tipo de atividade?

R – O meu pai, ele iniciou na lavoura como todos os irmãos. Aí, um dos irmãos, ele começou com uma profissão de barbeiro e o meu pai não gostava da lavoura. Aí, o meu pai foi junto com o irmão dele para serem barbeiros no Distrito de Sousas. Inclusive, o meu tio era muito conhecido.

P/1 – É mesmo? Lá em Sousas, né?

R – Lá em Sousas.

P/1 – Por que Sousas? O distrito tinha uma vida própria, não é isso Jair?

R – Tinha, tinha uma vida própria e ficaram... Aí, aquela história de sempre, né, os irmãos mais velhos, né, sempre dominam os mais novos. Meu pai, por rebeldia, achou que não era por aí. Aí falou: “Tchau. Você fica e eu tô queimando chão.” E veio pra Campinas.

P/1 – Ah tá! Porque inclusive hoje é muito próximo, mas antigamente parecia...

R – Ah, era difícil. Esse trecho de Campinas a Sousas na época era tudo terra, inclusive hoje onde nos temos ali o fim da Avenida Moraes Sales, essa rodovia ali, bem acima é o morro, né? Eles chamavam de Morro do Sabão, porque os caminhões normalmente despencavam de lá em tempos de chuva. Então haviam várias cruzes naqueles locais exatamente por causa desses acidentes.

P/1 – O seu pai tinha muitos irmãos? Uma família grande?

R – Tinha, tinha. Uma família bem grande.

P/1 – Você conheceu os seus tios?

R – Eu conheci todos.

P/1 – Ah que bom!

R – Eu conheci todos porque não muito mais pelo meu pai e sim pela minha mãe. A minha mãe ela tinha rodinha nas pernas, nos pés, né? Então chegava domingo, ela passava a mão na cria e ia visitar todo mundo: um domingo na parte dela, um domingo na parte do meu pai. E acabei conhecendo muito mais por ela do que propriamente pelo meu pai, porque o meu pai sempre foi muito caseiro, meu pai não era muito de sair. Mas a minha mãe não parava em casa, a minha mãe passava a mão na cria e vamos embora!

P/1 – E ela também tinha família grande?

R – Não, não. Ela teve, tinha ou tem ainda... Depois de um certo tempo se perdeu, ela tinha um irmão de um segundo casamento do pai dela, porque a minha mãe vem... Depois de um tempo que morreu a mãe dela ele se casou com uma outra mulher e aí teve um irmão, mas eu fui conhecê-lo eu já tinha talvez uns 17 anos. Aí é que... Esse irmão dela foi morar perto, por coincidência se cruzaram... Mas era só ele.

P/1 – Então o seu pai veio pra Campinas, né, deixou o pessoal lá em Sousas, você nasceu lá ou você nasceu aqui?

R – Eu nasci aqui.

P/1 - Você nasceu já em Campinas. Ele já tinha essa atividade de barbeiro?

R – Ele sempre foi barbeiro.

P/1 – Tá. E vocês moravam aonde quando você era criança Jair?

R – Eu morei, que eu me lembre assim de pequenininho na Moraes Sales, bem no fim da Moraes Sales quase perto da valeta ali embaixo que tinha, tem ainda a valeta lá embaixo bem no término da Avenida Moraes Sales.

P/1 – E como é que era a sua casa?

R – A minha casa, nós morávamos num cortiço. Era um cortiço, tinham várias pessoas.

P/1 – Imigrantes ou não?

R – Não. Inclusive, os meus avós por parte do meu pai, eles também moravam lá e um dos locais que eu morei um bom tempo... Depois o meu avô faleceu e ainda me lembro que a minha mãe brigava muito com o meu pai, questionava muito o meu pai porque ele obedecia ainda o tempo dos europeus: os filhos embora casados tinham que dar o ordenado que ganhavam aos pais e estes devolviam a parte que eles achavam que era de competência pra viver e a minha mãe ficava indignada. Minha mãe não aceitava e eu lembro que as coisas, de vez em quando, subiam e desciam (risos).

P/1 – E essa memória desse tempo de cortiço, pra uma criança deveria ser uma farrá, não? Morar num cortiço ou não?

R – Foi, foi muito divertido.

P/1 – Tinha muita criança?

R – Muita criança. Foi bacana. Naquele tempo, os nossos divertimentos eram bem diferentes dos de hoje, então qualquer coisa nos alegrava (risos).

P/1 – Do que você gostava de brincar?

R – Ah, nós jogávamos muita bola; jogava bastante e sempre me atraiu, né? Eu até dentro de uma habilidade, queria ser jogador e tentei ser.

P/1 – É mesmo?! Você tentou?

R – Tentei ser jogador.

P/1 – Foi participar de alguma peneirinha em algum lugar?

R – Eu joguei no time... Quando eu morava já depois fora da... Não, início foi lá mesmo. O início foi ainda quando eu tava no cortiço. Eu disputei uma parte por um time que tem ali de amador e essa minha altura de dois metros (risos) era bem interessante, né, porque amador, amador geralmente são já homens e tinham dois grandalhões que era eu e mais um coleguinha, tá certo (risos), e jogávamos no meio dos grandalhões, e isso foi muito bom.

P/1 – Como é que chamava o time? Você se lembra?

R – Portuguesa de Desportos.

P/1 – Portuguesa?! Um espanhol jogando na Portuguesa de Desportos, a Lusa, né? Tudo bom.

R – Daí, nesse ínterim, nós mudamos. Na Moraes Sales mesmo, quase de esquina com a Júlio de Mesquita, que hoje é uma artéria principal. E naquele tempo era o nosso campo de futebol, era o nosso campo, era nossa pista de corrida, rodava o patim, era uma quadra de diversão porque os veículos ali eram pouquíssimos. Ônibus era... Vamos dizer, não era ônibus... Era...

P/1 – Jardineira...

R – Jardineira! A polícia era “pingüim”.

P/1 – Com que idade você mudou, você se lembra?

R – Eu fui, acho que eu tinha o que, uns 12 anos por aí.

P/1 – Quer dizer que desde que você nasceu você ficou no cortiço até os 12 anos, aí os seus pais foram pra uma casa?

R – Foram pra uma casa, alugou uma casa, alugou também um salão do lado da casa aí também depois mais um tempo eu fui auxiliado a trabalhar com ele, trabalhei com ele um bom tempo.

P/1 – O salão que ele montou era dele mesmo?

R – Era dele, era dele e eu trabalhei com ele um bom tempo e isso foi um dos fatores que me inibiram a seguir talvez não sei se haveria alguma chance, de ser um profissional de futebol.

P/1 – O fato de ter ido trabalhar...

R – De ter ido trabalhar com ele. Porque eu faltava e uma vez eu vim contundido aí ele falou: “Tá vendo, e agora como é que faz pra trabalhar? E eu preciso de você pra trabalhar?” Aí eu falei então, mas não tinha jeito, né, as condições não eram favoráveis então a gente tinha que entender também

P/1 – Jair, mas me diz uma coisa nesse período você já tinha ido pra escola?

R – Sim.

P/1 – E que escola você estudou?

R – Eu estudei no Grupo Escolar Francisco Glicério que também era na Moraes Sales, é ainda.

P/1 – Você ia a pé então?

R – Ia a pé desde que eu estava no cortiço depois quando eu subi eu não tava mais no grupo, né, eu tinha parado um pouco porque eu tinha que trabalhar então eu comecei a fazer outros serviços, sabe, pra ajudar no sustento aí quando eu vi mesmo que o futebol não ia dar em nada aí peguei e voltei a estudar, eu estudei no Colégio Cesário Mota que também era dois quarteirões a mais da minha casa, foi tudo próximo e eu tive uma infância maravilhosa, muito, muito gostosa.

P/1 – Jair, assim pro pessoal que não conhece o que é um cortiço, tenta descrever um pouquinho como é que era esse cotidiano do cortiço, porque o cortiço é um lugar onde... Como é que era, era uma casa com muitas pessoas ou eram várias casas?

R – Não, são várias e várias casas.

P/1 – Pois é então tem vários tipos, então descreve um pouco...

R – Esse cortiço era realmente, havia a casa principal que a frente era um armazém, havia a casa do dono e depois seguindo era uma seqüência de casas, só que eram germinadas todas germinadas, tinha uma, duas, três, quatro, cinco, seis casas.

P/1 – Cada uma, uma família?

R – Cada uma, uma família.

P/1 – E essa casa era grande tinha quantos quartos, você lembra?

R – A que eu morava tinha um quarto e o outro ambiente que era tudo e havia um sanitário para todos.

P/1 – Pra todos do cortiço?

R – Do cortiço.

P/1 – Tinha aquela área comum de lavagem de roupa...

R – Havia um tanque na casa tinha um tanque cada casa tinha.

P/1 – E tinha um pátio que todo mundo brincava também, ou não?

R – É havia um corredor mais ou menos, tá certo, porque do lado direito ele tinha no fundo de quintal, mas era uma plantação mais pra cá era o chiqueiro e um galinheiro e bem mais próximo lá das primeiras casas era um barracão dele grandão onde ele matava os animais tudo.

P/1 – E esse armazém na frente ele vendia de tudo?

R – Vendia de tudo.

P/1 - _____ dos antigos secos e molhados?

R – Secos e molhados.

P/1 – Você lembra o nome desse armazém Jair?

R – Não, o nome do armazém eu não lembro não.

P/1 – O nome do dono?

R – O dono era Antonio Pelegrini.

P/1 – Tá. Então aí depois você mudou pra casa e você foi trabalhar com o seu pai.

R – Fui trabalhar com o meu pai.

P/1 – O que, que você fazia no salão?

R – Cortava cabelo.

P/1 – Cortava o cabelo já? Com 12 anos?

R – Cortava cabelo e barba.

P/1 – E o pessoal cortava com você não estranhava um garoto?

R – Olha, de início o pessoal... E depois infelizmente eu tinha freguesia própria e eu detestava ser barbeiro, eu ficava louquinho da vida e eu tinha uns fregueses que era só comigo quando eu ia falar, não tenho saída.

P/1 – Mas Jair, você grandalhão desse jeito subia num banquinho? Imagino você com 12 anos como é que você conseguia cortar cabelo?

R – Sabe o que acontece as cadeiras dos barbeiros elas tem um processo de abaixar e levantar, então as minhas cadeiras ficavam abaixo do solo (risos).

P/1 – E aí você foi fazendo a sua freguesia? Olha só que bacana...

R – Eu fiz.

P/1 – Tem algum caso dessa época assim que você lembra, que tenha te marcado? Desses primeiros momentos como barbeiro?

R – É teve aqueles erros grotescos, né, que no fim iniciava-se um corte e depois terminava em careca, né? (risos) E por que? Quando você tava aprendendo e o meu pai já avisava: “Olha não vai cobrar nada” Principalmente quando eram as crianças, né, que já avisava as mães falava, olha eu não vou te cobrar nada, se ele errar a gente vai tentar consertar, mas se não tiver conserto, né, e de repente não tem conserto mesmo.

P/1 – Mas o povo ficava bravo?

R – Não, não era tudo vizinhança, né, na própria vizinhança.

P/1 – E nessa época vocês faziam compra aonde? Pessoal da sua casa onde a sua mãe comprava comida, por exemplo?

R – Por incrível que pareça em frente tinha um armazém de secos e molhados.

P/1 – Outro armazém? Esse você lembra o nome, não?

R – Eu lembro do dono, inclusive até por apelido que eu nunca gostei, mas é Nico.

P/1 – Nico. Armazém do Nico.

R – Armazém do Nico.

P/1 – E aí vocês iam lá fazer compra?

R – Comprava-se tudo lá.

P/1 – Na caderneta?

R – Caderneta, com caderneta.

P/1 – Quem fazia as compras, a sua mãe ou qualquer um?

R – Não, era a minha mãe.

P/1 – E você não ia lá de vez em quando?

R – Muito difícil ela pedir pra eu ir buscar alguma coisa, mas se eu fosse também era assim você vai comprar isto, isto tudo bem? Tá bom.

P/1 – Não podia comprar um doce nada.

R – Não a minha mãe era, minha mãe sempre foi muito rígida o meu pai já um pouco mais light, mas a minha mãe, a minha mãe era fêra.

P/1 – Brava?

R – A minha mãe era fêra. Quando morava lá embaixo no cortiço antes de ter o tempo do Guarani, tinha uma lagoa, chamava lagoa Baronesa e a turma ia lá e morria muita criança, por que? Assim como na lagoa do Taquaral e outras também, né, o pessoal jogava os detritos e a garotada você, por cima você não vê então mergulhava por lá e você acabava ficando e a minha mãe sempre contava: “Você não vá lá! Não vá!” e eu como todo garoto obediente.

P/1 – Você ia lá pelo menos uma vez por mês.

R – Aí ela perguntava onde tava e ela ia lá eu vinha apanhando de lá até em casa.

P/1 - Ela ia lá te buscar?

R – Ela ia buscar e batia, minha mãe batia, se ela tivesse com um fio de ferro, sempre nas pernas, bambu, tamanco se não tivesse nada na mão, porque a mão dela era terrível e não adiantava você falar no dia seguinte, oh mãe tá machucado não vou na escola hoje, ela falava: “O que você falou?” “Amém.” E tique tique tique.

P/1 – Se bobeasse apanhava de novo.

R – Apanhava. Apanhava. Se eu falasse pra minha mãe que eu tinha tido algum atrito ou com os colegas ou... Se fosse com professor, então, aí não tinha... Primeiro lugar, ela me batia; depois ela falava pra mim o seguinte: “Eu tenho certeza de que se a professora tua chamou a atenção é porque você aprontou alguma coisa, então se lá ela não bateu, você apanha aqui.”

P/1 – Igualzinho hoje, né? Jair me diz uma coisa, na escola, que matéria você gostava?

R – Olha, no início, eu não gostava de nada com toda sinceridade.

P/1 – Você queria era jogar bola.

R – Eu queria ser mecânico e jogador de futebol. No fim, eu não fui nenhum dos dois.

P/1 – Porque mecânico o que te animava?

R – Não sei... Eu adorava, entendeu, gostava.

P/1 – Gostava de mexer?

R – Gostava de mexer muito antes até de voltar pro ginásio. Eu fiz o curso no SENAI só que os primeiros seis meses foram light, né, porque você tá numa teoria, você tá com professores educados, né? Aí eu fui pra prática. Fui numa oficina que era só guerra, ali o chefe com os empregados quase que se pegavam de tapa e os profissionais falavam pra mim: “O seu moleque, o que você tá fazendo aqui, rapaz? Isso aqui não tem futuro. Isso aqui é vida de escravo, você tá vendendo? É isso aí não pagam a gente direito.” É aquilo que você fica ouvindo, ouvindo, ouvindo... Um dia isso, um dia aquilo e outra o que talvez tenha mais me desmotivado é que eu era tudo: eu passava, fazia limpeza tinha que pegar uma mola e raspar o chão pra remover aquela sujeira, eu subia no telhado varria o telhado todinho deixava o telhado limpo, eu tinha que lavar peça, todo serviço. Menos aquele que eu queria. Eu não fazia. Me lembro até hoje que os profissionais falavam o seguinte: “Dá uma distraída aí e vai comprar uns lanches pra nós que tá todo mundo com fome. Passa na cerca ali que aí tá na boa.” E eu ia escondido. Uma vez, o meu chefe pegou. Nossa! Ele subiu e desceu. Falei: “Mas espera aí. Pô, os caras tão com fome, eles querem comer.” O cara parecia um nazista, entende? Aí falei: “Ah, mãe, quer saber uma coisa, para porque não vai dar futuro.” Foi daí que eu fui começar a trabalhar com o meu pai. Não tinha... Mecânico foi embora, aí tinha a esperança do futebol; a esperança do futebol também calou. Aí voltei a estudar. Aí quando voltei a estudar é aquela história “tenho que estudar”, né? Eu tenho que estudar. Aí eu tive uns professores excelentes. Eu tive um professor de português que era muito bom, um professor de matemática que matemática pra mim era um terror, mas era terror e por incrível que pareça o primeiro ano que eu estudei lá no colégio Cesário Mota eu tirei a maior média do colégio inteirinho, no período da manhã, da tarde eu tirei a maior média depois as minhas notas sempre foram... as mais baixas talvez tenha sido oito.

P/1 – Você pegou então firme essa coisa de estudo...

R – Porque você começa a entender, quando você começa a entender facilita, aí as outras também entraram dentro, vamos dizer assim no gosto eu tinha um professor de ciência que ele não admitia que nós comprássemos livros, não tinha livro, ele simplesmente falava, lia e falava o seguinte: “Olha, tem uma fórmula, uma coisinha tal, tal, tal.” Primeiro mês eu fiquei assim “como que eu vou fazer uma prova”. Aí veio as perguntas, eu falei: “Nossa, meu Deus do Céu. Como que a gente vai lembrar do que o cara falou.” E ele não admitia uma palavra. Falei: “Ah, não. Esse cara não me pega mais não.” Pode ter certeza: ele ia falando e eu ia só escrevendo. Daí pra frente foi light. O Cesário Mota foi muito gostoso.

P/1 – E você falou no gênero alimentício, mas assim roupa, sapato vocês lembram onde iam comprar?

R – Nós, os meus pais eram fregueses da...nem tem mais era ali na Barão de Jaguará como é que chamava aquela loja?

P/1 – Daqui a pouco você lembra, mas vocês compravam lá roupa, sapato?

R – Comprávamos lá roupa, tudo lá.

P/1 – Não é a Ezequiel, né?

R – A Ezequiel? Não sei, não me lembro agora se era Ezequiel ou não.

P/1 – Era uma loja só de comprar roupa, pra você pra sua irmã e pra eles próprios.

R – Normalmente era tudo ali que a gente comprava.

P/1 – Vocês iam pro centro como de bonde?

R – A pé.

P/1 – A pé, ali é pertinho da pra ir a pé, não?

R – Era pertinho que eu morava bem ali perto da Antonio Cesarino, se você contar as quadras da Antonio Cesarino até o centro vai dar o que? Um dez quadras, era pertinho, nós íamos no cinema o antigo Casablanca tudo a pé.

P/1 – Cinema Casablanca ficava também no centro?

R – O Casablanca ficava na Avenida Industrial onde é o Teatro Castro Mendes hoje.

P/1 – Ah tá que aí é do outro lado.

R – Ah, mas aí é uma reta. Você subia uma retinha e naquele tempo havia o bonde, era o bonde que circulava e quando um bonde subia, o outro tinha que esperar ele passava, ele passava e os veículos também tinha um monitor lá, que ficava ali monitorando quem subia e quem descia e nós subíamos uma escada pra poder alcançar a rua.

P/1 – Não tem mais essa escada?

R – Não, ali demoliu tudo, né, transformou tudo, aí formou o viaduto, né?

P/1 – Você gostava muito de ir ao cinema?

R – Nossa, eu adorava.

P/1 – Iam sempre?

R – Ah, ia.

P/1 – Mas ia assim você, mais sua mãe, seu pai também eles gostavam, não?

R – Não, a minha mãe, desde pequenininho, me carregou e de vez em quando ia... Porque a minha irmã, ela nasceu com um problema sério; ela por vários momentos naquele tempo quando alguém tava pra falecer eles acendiam vela e ela passou por isso várias vezes, né, talvez acho que até uns oito, nove anos ela não sustentava a cabeça mais era eu que estava sempre com ela e nós íamos no Cine São Carlos.

P/1 – E onde ficava o Cine São Carlos?

R – Ficava ali perto do Jardim Carlos Gomes. Uma quadra pra cima do Jardim Carlos Gomes, na Rua São Carlos. E era um teatro bem antigo. E quando construíram o Rink, que era Conceição com a Barão de Jaguará, que é o cinema novo, quando ele desabou nós estávamos no São Carlos, então minha mãe sempre levava.

P/1 – Então ao mesmo tempo, que você tava no cinema...

R – Estava no cinema enquanto o outro novo, novo e eu estava no... Vamos dizer assim no museu até resistiu até o fim, mas depois acharam por bem interditar.

P/1 – Isso já foi anos 60, né?

R – Ah, faz tempo.

P/1 – Então vocês iam bastante assim...

R – Cinema...

P/1 – Aquela coisa assim de matinê.

R – Matinê, tinha os seriados... Nossa, ia muito.

P/1 – Tem boas lembranças então?

R – Boas lembranças. Ótimas lembranças foi uma infância realmente feliz, quando eu morava na Moraes Sales aqui em cima a noite nós íamos passear antes de eu começar a estudar, entende, e podia percorrer tudo durante o dia você também podia percorrer tudo quanto é canto, não havia essa agressividade que você tem hoje.

P/1 – E Jair me fala, aí você pegou a escola firme, trabalhava com o seu pai.

R – Estudava a noite.

P/1 – À noite? Pequeno pra estudar de noite, não Jair? Com 12, 13 é isso?

R – Não, não eu comecei a estudar eu já tinha mais eu tinha uns... Deixa eu ver, já estava com uns 15 anos.

P/1 – Então estudava a noite, trabalhava durante o dia, odiava ser barbeiro e o que você fez pra mudar essa situação?

R – Então... Acontecem umas coisas que num momento você acha que é felicidade aí acaba se transformando num desastre (risos) Aí nesse vai vem, vai não vem teve um prefeito que ele decretou que a Moraes Sales tinha que ser avenida tinha que ser alargada, que era justamente do nosso lado, então o meu pai já tinha construído uma casinha no Jardim... Não, não era... Era chamado Jardim das Oliveiras, era chamado, e então nós mudamos onde que era a Swift antigamente era uma quadra após, tinha a Abolição, uma quadra abaixo em frente a antiga fábrica Swift. Ele tinha comprado ali, construiu aí nós mudamos e quando eu mudei ali foi um fim de mundo pra mim, né, porque eu saí de um centro e ali era normalmente era tudo mato não tinha... Poucas residências, né, então ali caiu na minha cabeça e aí o desastre maior foi que eu conheci uma moça o pai dela inclusive tinha até um posto de combustível ali, aí que já deu tudo errado.

P/1 – Por que Jair?

R – Porque eu casei, né?

P/1 – Você casou? Mas casou cedo?

R – Eu casei com 22 anos, 21 pra 22 anos. Aí que não foi legal, aí que minha vida mudou aí fiquei um bom tempo casado, não era o que eu queria uma família de muito conflito e não deu certo.

P/1 – E você trabalhava no que nessa época?

R – Então, eu trabalhava com o meu pai... Não, não aí quando eu casei eu fui trabalhar no posto.

P/1 – Ah tá. Porque quando o seu pai construiu a casa ele também manteve essa coisa de salão do lado?

R – Sim, não, não numa avenida ali, ele alugou um salão aí nós morávamos, quer dizer uns 50 metros de casa.

P/1 – Aí você casou e foi trabalhar no posto como o que? Frentista, Jair?

R – Ali era um geral fazia tudo.

P/1 – Tá.

R – Tudo, tudo, tudo que era feito, né, eu fiz de tudo e eu tive, quer dizer, as coisas acontecem na vida da gente como elas tem que acontecer e a gente tem que aprender com esse meu ex-sogro eu aprendi que a vida é difícil e que se quiser vencer você tem que lutar então, ele me ensinou que sem trabalho e ele usava uma frase muito bacana, entende, e eu até entrei nela, ele falava o seguinte: “Olha você de cavalo você jamais pode ser burro.” Então o que ele falava de você, você tá numa situação boa tem que fazer pra conservar pra nunca cair que era o dito dele, mas infelizmente eu tive que voltar a ser burro só que com uma outra experiência, tá certo, com uma outra vivência aí que eu fui ser feirante, aí eu fui ser feirante, aí comecei a minha peregrinação na vida, aí eu fiquei 30, 72.

P/1 – Mas espera aí, conta, como é que você foi... Como é que se transformou em feirante de repente, aí você ficou casado, separou não?

R – Não, não aí eu me separei da família.

P/1 – Da família, tá.

R – Eu fiquei casado, mas não trabalhando mais no posto porque eu não admitia algumas coisa e um dito também do meu sogro eu me rebelei um dia, decidi esse dia eu não vou mais trabalhar, sem condições e fiquei um dias em casa mesmo aí vai de cá vai de lá falei, vou voltar vou ver o que vai dar, aí falou pra mim o seguinte: “Olha você só pode voltar a trabalhar quando você trazer o seu pai, pra conversar comigo.” Falei, ótimo muito bem.

P/1 – A troco do que?

R – Voltei pra casa e falei, olha o seu pai nunca mais vai me ver lá: “E agora o que nós vamos fazer?” Não sei vamos ver, eu vou procurar emprego vou ver o que eu posso fazer na vida, né, aí um feirante conhecido falou pra mim: “Você não quer vim pra feira não?” Falei, mas rapaz eu não entendo nada de nada: “Mas eu ensino o passo... Tem uma banca de uma pessoa que quer vender a banca, tal.” Eu falei, tudo bem, né, vamos ver aí eu comprei a banca e comecei a trabalhar na feira.

P/1 – Essa banca era de que?

R – De confecção de roupa e ele também tinha uma banca de roupa, aí era um português também porque o meu ex-sogro era um português também e ele me ensinou a trabalhar, mostrou os locais de compra eu devo muito a esse senhor até, ele se chama Sr. Manoel, mas deu mesmo ele me mostrou todos os macetes o que ninguém... Até irmãos dele ele nunca ensinou e pra mim ele ensinou passou, né, e aí foi no decorrer infelizmente a minha ex-mulher saiu do padrão normal de vida, aí nós nos separamos, ela ficou com a minha banca e eu comprei uma outra banca de sapato, porque eu saí sem nada, saí zero, zerado, entende, eu tinha já na época eu tava com dois terrenos eu tava com um carro nosso e a banca tinha uma perua nossa, ficou tudo pra ela.

(Pausa)

P/1 – Então espera aí você comprou a banquinha de roupa e aí aonde que você abastecia essa sua banca, você ia comprar...

R – São Paulo.

P/1 – Você ia a São Paulo. Lá em São Paulo você comprava aonde? Na 25 não?

R – Não, não.

P/1 – To mexendo com você.

R – Não, não próximo.

P/1 – Ia nas confecções diretamente?

R – Isso, diretamente nas confecções.

P/1 – Que tipo de roupa você vendia Jair?

R – Olha eu vendia tanto masculina como feminina, muito mais a feminina porque na feira você vendia e você atende muito mais a parte feminina.

P/1 – Senhoras, né? Moças...

R - De senhoras e a parte masculina é bem pouca, é bem pouca.

P/1 – E vendia o que, tudo? Vestido, blusa...

R – Tudo, vestido, camiseta, calça, lingerie, toalha, tudo, tudo, tudo...

P/1 – E aí você gostou desse treco diferente?

R – Eu adorei ser comerciante.

P/1 – É mesmo você gostou dessa coisa com o povo.

R – Aí que caiu a estrela.

P/1 – Tinha aquelas coisas como é, moça bonita? Essas coisas de feira que são geniais vá Jair, é fantástico isso vá.

R – O que, veja bem, na confecção a gente tinha e isso era muito gostoso era uma amizade que você toma com o consumidor.

P/1 – Você faz os seus clientes, né?

R – Você faz, você passa ser até um confidencial, quer dizer, o pessoal conta o que passa em casa, o que um passa o que acontece, o que deixa de acontecer, o que é, o que não é, entende, muitas vezes a gente até aprende com o consumidor, assim também a gente passa alguma coisa pra eles, então fica uma ligação bem afetiva.

P/1 – É uma troca de histórias, né?

R – Isso é muito bom contar, as brincadeiras, a minha feira de domingo que eu fazia no Jardim Leonor, quem chegava assim de primeira falava, isso aqui é uma zona, e umas freguesias bocudas e fazem piadas, então era muito divertido, entende, e tinha uma coisa o respeito era muito bom, por isso que as brincadeiras eram sadias e eram divertidas porque muitas vezes as peças íntimas, né, a mulherada pegava: “Ah será que vai ficar bem?” Falava, olha vamos fazer uma coisa você me aguarda uns dez minutos eu vou lá te acompanho você veste a sua peça íntima e eu vou falar pra você se ficou bem ou não.

P/1 – Tudo na brincadeira.

R – Tudo na brincadeira, então e isso era gostoso, entende?

(Pausa)

P/1 – Então Jair eu ia te perguntar como é que era esse cotidiano, porque feira tem o que de terça a domingo?

R – Terça a domingo.

P/1 – Terça a domingo, todo dia você ia pra feira e uma feira em cada lugar...

R – Todo dia.

P/1 - ...conta pra gente como é que era isso? Então tinha domingo era na...

R - Jardim Leonor.

P/1 – Jardim Leonor. A terça-feira?

R – A terça era no Bonfim, quarta no Mogiana, quinta era no Dom Bosco, sexta na Perseu, sábado no Taquaral e domingo no Jardim Leonor.

P/1 – E segunda era o dia que você ia fazer as suas compras?

R - Segunda era... Ou quando eu iniciei quando eu tive uma primeira esposa depois eu tive uma, me separei, tive uma banca de calçado fiquei por um tempo e depois eu conheci uma moça, nós, como fala hoje?

P/1 – Ficaram.

R – Nós ficamos.

P/1 – Tá vendo só.

R – Tem que usar termos modernos. No meu tempo era outra coisa, né? (risos) Nós ficamos aí uns tempos, eu vendi a banca, que eu também não gostava.

P/1 – De calçado?

R – De calçado e aí eu comprei novamente uma banca de roupa aí nós fizemos a nossa vida, começamos praticamente de um zero, né, com o dinheiro que eu tinha da banca de calçado eu comprei a banca de roupa e nós começamos do zero no sentido exato da palavra.

P/1 – Calçados também você comprava em São Paulo?

R – Tudo em São Paulo.

P/1 – Como é que você fazia, você ia lá de carro, de ônibus?

R – Então uma das primeiras compras foi o maior desastre, porque eu não tinha condução.

P/1 – Foi de ônibus ou foi de...

R – Fui de ônibus, aí o volume de calçados, quer dizer isso que foi aquela primeira, como que tá acostumado com roupa o volume é menor, por mais que você faça uma compra boa o volume é menor e mais fácil de carregar o peso é bem menor, eu fiz uma compra de calçado quando eu olhei eu falei, e agora o que eu faço? Peguei um taxi pra levar até a rodoviária aí você transporta pra rodoviária, aí você coloca no ônibus, olha terrível, maluquice porque é um peso muito grande, volumes grandes e pra você carregar não tem condição, aí e eu conversando com o meu pai, o pai será que alguém não empresta um dinheiro porque eu preciso comprar nem que seja um fusquinha, né, aí meu pai falou assim vamos em Cândido Rodrigues que tinha uns parentes lá, que eram parentes da minha mãe, os Galves, e falou vamos conversar com eles que eles tem um sítio bem grande e realmente eles emprestaram um dinheiro que eu comprei um fusquinha.

P/1 – Que bom, Cândido Rodrigues é um lugar, uma cidade?

R – Perto de Araraquara.

P/1 – Uma cidadezinha?

R – Uma cidadezinha, uma cidadezinha. Aí eu comprei um fusquinha e eu comecei com o fusquinha a fazer as compras de sapato foi aí que aliviou porque nossa aí não tinha como.

P/1 – Você ia e voltava pela Anhanguera já?

R – Ia, só a Anhanguera naquele tempo só é...

P/1 – Isso já é o que, anos 70, 80?

R – Não era 70 não, deixa eu ver em 72 depois eu iniciei... Ah já era, era 70 e algumas contas.

P/1 – E ia tranquilo? Você ia sozinho?

R – Eu ia, ia. Eu ia com a companheira quando eu já estava com a de sapato eu já estava com a companheira.

P/1 – A gente pode falar o nome dela, não?

R – Pode ela é minha esposa hoje, Marilda.

P/1 – Marilda.

R – A Marilda.

P/1 – A primeira vamos falar ou não precisa?

R - ...vai queimar a fita.

P/1 – Então Ok. Então a Marilda que te deu apoio aí nessa tua jornada.

R – Foi, fô!

P/1 – Como é que você conheceu a Marilda lá na feira mesmo?

R – Ela era freguesa minha.

P/1 – Ah que bonitinho.

R – Porque quando era casado com a outra, que eu tinha a banca de roupa nós montamos a banca em frente a casa dela e nós conhecemos, ela também era casada depois se separou e depois eu me separei também, aí a gente se cruzou, conversou e as coisas...

P/1 – Vocês estão juntos há bastante tempo, mais de 30 anos, né?

R – Estamos.

P/1 – Sem filhos você, não?

R - Não, eu tive com a minha ex, tive um casal e a Marilda quando nós nos juntamos, né, ela tinha uma filhinha, que eu a chamo de filha até hoje ela é minha filha porque ela era pequenininha, ela tinha talvez três, quatro anos na época e eu a quero como filha. Eu a chamo de filha, eu não gosto da palavra enteada. Eu detesto essa palavra. Eu detesto! Então, ela é minha filha.

P/1 – Que bom, então você ficou com o sapato aí você cansou do sapato.

R – Aí do sapato eu cansei.

P/1 – Tá, mas deixa eu só voltar uma coisa você disse que quando você se separou você tinha duas bancas é isso?

R – Não, uma banca.

P/1 – Mas você tinha um patrimônio já, né, tudo isso conquistado com..

R – Com a banca de roupa.

P/1 – Que coisa bacana, né, então você vendia bem.

R – Vendia nossa, era isso que eu ia falar eu era um dos pontos quando você perguntou de compra quantas vezes eu ia pra São Paulo, quando eu comprei essa banca de roupa que eu estava com a Marilda já que nós estávamos juntos, essa época aqui de inverno, que esse ano está fazendo inverno, um inverno bom pra confecção ele naqueles tempos ele começava em Abril a gente chegava a ir duas vezes pra São Paulo fazer compra na semana...

P/1 – É mesmo.

R – ... Era uma correria de roupa, entende, você buscar, comprar, você vendia muito, mas vendia muito mesmo.

P/1 – Como é que você vendia a vista, tinha alguma coisa de carnê marcado?

R – A caderneta.

P/1 – A caderneta também?

R – Caderneta.

P/1 – Pessoal comprava roupa na caderneta.

R - _____ pagar por semana, né, o nosso negócio era por semana, o por que por semana? Porque se você fosse por mês a pessoa ia aparecer uma vez por mês, por semana o valor era menor, mas a pessoa estava ali novamente, entende?

P/1 – O que você fazia, você dividia o valor da compra?

R – Não, nós nunca fizemos isso.

P/1 – Nunca fez.

R – Não, nenhum roupeiro até hoje faz isso. Nós estipulávamos um valor só, você entende, então de acordo com o que gastou, por exemplo, devia 100 reais ela vinha comprar via mais alguma coisa comprava falava, da entrada hoje do que tá, né? Então ajudava...

P/1 – Ia batendo.

R – Isso ia batendo, mas nada impedia que na próxima semana a pessoa viesse e nós não oferecêssemos pra levar _____ compra, nada impedia e a pessoa também sempre colaborava, entende, e era muito gostoso.

P/1 – Quando você voltou a ter roupa então você praticamente se reergueu porque aí você...

R – Sim, sim aí eu...

P/1 – ...devolveu o fusquinha lá que eles tinham te emprestado?

R – Eu vendi, pra fala bem a verdade eu troquei, eu troquei com um tio meu que ele tinha uma perua, Kombi, e ele queria um fusquinha aí nós fizemos a permuta e eu precisava da perua, né, aí nós fizemos uma permuta troquei fiquei com uma perua e isso ainda no tempo de calçado que pra mim a perua era muito mais favorável do que o fusquinha pra fazer compra.

P/1 – Cabia mais caixa de sapato.

R – Nossa, entende, você... Aí quando eu fiquei com essa segunda banca de roupa eu vendi a perua, o dinheiro que me entrou da banca tudo pra completar pra poder comprar a banca de roupa então eu voltei, novamente, a estaca zero então eu precisava de uma perua pra transportar a banca, isso só de início, eu andei usando a condução da pessoa que eu comprei ele me deu um prazo, aí eu juntei um dinheirinho e fui comprar uma perua com o motor fundido, os quatro pneus carecas não tinha estepe e não tinha macaco.

P/1 – Você não podia viajar com essa perua, né?

R – Não viajava só fazia feira, quando furava o pneu eu ficava dando sinal pros meus colegas, não para, para! Faz um favor pra mim empresta o seu estepe e o macaco, aí eles me emprestavam depois da feira eu consertava o pneu e devolvia tudo, aí fui juntando um dinheirinho, botei os quatro pneus, aí botei o estepe, aí comprei um macaco.

P/1 – E mandou arrumar o motor?

R – Não, isso foi mais pra frente o motor ficava caro.

P/1 – Ah é verdade.

R – Então o meu maior cuidado era não deixar fundir, então eu fui devagarzinho e tal, aí eu fiz o motor, mas isso antes porque até comprei um carrinho pra poder fazer compra em São Paulo, porque eu ficava na dependência de carona ou de ônibus, aí comprei um carrinho pra ir pra São Paulo fazer compra, enquanto o motor agüentava, aí chegou uma vez eu fui fazer o motor, aí eu fiz o motor da ximbiquinha, até chamava ela de ximbica e daí graças a Deus a minha vida começou a crescer, foi o que eu falei pra você nós íamos duas, três chegamos a ir até três vezes pra São Paulo na semana.

P/1 – Então você recuperou essa sua clientela de roupa Jair?

R – Como?

P/1 – Você recuperou essa sua clientela de roupa? Porque...

R – Não, fiz novamente fiz uma outra.

P/1 – Fez outra.

R – Fiz outra, outra clientela que as feiras foram diferentes só uma ficou igual que foi a do Taquaral.

P/1 – Ah entendi quer dizer que quando você comprou essa outra banca...

R – Quando eu comprei essa outra banca só uma feira coincidiu as demais eram tudo diferente, então foram freguesias novas e a única disputa foi no Taquaral, mas como também tinha a minha mãe tinham os parentes que moravam tudo no Taquaral isso também influenciou bastante que o pessoal me conhecia, porque a minha ex ela dizia um monte de coisa pra todo mundo e o pessoal me conhecia, sabia quem eu era, tá certo, então eu tive também esse outro lado de ajuda e que graças a Deus eu...

P/1 – Seus pais apoiaram essa sua ida pro comércio assim?

R – Por incrível que pareça quando eu comprei a banca de calçado que eu me separei, quem me ajudou foi a minha mãe.

P/1 – Olha só.

R – Minha mãe ia na feira comigo porque o meu pai trabalhava de barbeiro, né?

P/1 - _____

R – A minha mãe foi arrumou pra mim só que ela falou: “Vai, não demora muito que eu não tenho mais idade pra isso.”

P/1 – Mas que bacana, né, ter esse apoio também é muito bom.

R – Não, foi muito importante minha mãe ajudou mesmo emprestou dinheiro, entende, que quando eu saí do zero ela me emprestou um dinheiro quando eu saí da banca então eles me incentivaram muito.

P/1 – Que bom, né, poder contar com os pais.

R – Ai ela falou uma vez pra mim: “Tá vendo quando você foi casar eu falei pra você o seguinte não entre nessa família senão _____.”

P/1 – Tá vendo só. Jair me fala tem uma coisa de solidariedade entre os feirantes mesmo, um ajuda o outro é um ambiente...

R – Então é aquelas histórias é o seguinte, o que você precisa eu vou te ajudar caso contrário, se precisar ajuda sim, nossa empresta a condução o cara aparece “Pô, meu. Minha condução quebrou.” “Pô, pega a minha aí pode ir lá quer alguém pra te ajudar, vai lá te ajudar! Tem que fazer a feira assim, vamos, vamos.

P/1 – Mas também se não pedir...

R – Não, exatamente. Não é assim aquela espontaneidade, mas são solidários nessa parte precisou ajuda mesmo, empresta condução, outro dia roubaram uma condução o cara tava sem e um outro tinha uma perua sobrando, disse você vai usando a minha perua enquanto você não se recuperar você vai usando, pode usar.

P/1 – Como você chegou à presidência do sindicato Jair, dos feirantes?

R – Eu sou aquele debaixo ali que era o presidente.

P/1 – Pois é eu ia perguntar ali é o Abraão.

R – Aquele lá é o chefe.

P/1 – É o chefe tá certo, mas ele tava novo aí nessa foto.

R – Tava.

P/1 – Agora ele tá bacana. Aquele rapaz era o presidente?

R – Presidente do sindicato Antonio Carlos Pleaine

P/1 - Pleaine tá. O transcritor vai odiar... Como é que é: P, L, E?

R – P-L-E-A-I-N-E.

P/1 – Tá.

R – Ou Pleaine ou Pleáine.

P/1 – Tá e ele era o presidente?

R – Ele era o presidente e numa formação de diretoria nova ele me convidou pra ser o vice, falei, ah tudo bem como amigo excelente, como inimigo...

P/1 – Melhor ainda?

R – Meu Deus do céu melhor ainda, mas como amigo era excelente e ele queria muito pra ele, entende, dominava o sindicato sozinho e ele era muito político e ele entrou na política e eu falava pra ele: “Pleaine, deixa alguns afazeres do sindicato menor pra nós, pra não acarretar muito você

rapaz você tá sobrecarregado, você... Sindicato essas partes políticas que você gosta, tá certo, você arruma até time de futebol. Pô, para, né? Deixa alguma coisinha pra nós pra não acarretar muito pra você." Mas ele não deixava. Aí ele teve uma... Não foi enfarte foi... a que da na cabeça?

P/1 – Aneurisma.

R – Aneurisma. Deu. Foi rápido; deu, morreu, aí eu assumi.

P/1 – Mas novo, né, Jair?

R – Era novo, ele era novo e outra ele também era muito nervoso...

P/1 – Ah tá.

R – Muito, muito, muito ele era assim sem pavio.

P/1 – Tá.

R – Sem pavio, então ele esquentava as conversas que eu tive com ele era muito nas particular, deixa um pouco pra nós você esquentava muito a cabeça, entende, foi logo após que ele inaugurou aqui acho que dois ou três meses depois ele faleceu, foi rapidinho, né?

P/1 – E aí você assumiu?

R – Eu assumi.

P/1 – Isso que ano Jair?

R – Em novembro de 1989, aí de lá pra cá eu fui ficando.

P/1 – Tá e você ficou na feira até... Você tava contando.

R – Fiquei na feira, fiquei na feira e com o sindicato na feira.

P/1 – Por que hoje você não tá mais na feira?

R – Não hoje não, hoje eu só tenho a minha banca, mas tá... Tem um ponto, mas tá com uma outra pessoa eu aposentei e...

P/1 – Você fica com essa atividade (só do sindicato?)

R – fico com atividade (só do sindicato.?)

P/1 – Agora você parece ser uma pessoa muito tranqüila, né, porque é um meio muito, o feirante ele é uma pessoa assim mais expansiva, não?

R – Depende muito... Tem muitos...por isso que eu falei pra você que eu gostei do comércio, eu gosto muito de conversar, de falar, entende, então o comércio foi o que me atingiu em cheio, além de gostar de vender, além de gostar de trabalhar com roupa, com confecção ainda você tem essa liberdade, né, de venda pessoal que é muito gratificante é muito, muito gostoso.

P/1 – Você sempre trabalhou sozinho e com a Marilda...

R – Tinha a Marilda.

P/1- Tá, mas fora vocês dois tinha alguém pra ajudar, não?

R – Não.

P/1 – Sempre vocês.

R – Sempre nós dois, passou algumas pessoas, mas mais parentes que ficou uns tempo não tinha o que fazer, ah tá bom vamos lá, mas não agüenta, né, pra você acompanhar a vida de feira, pra você acompanhar o feirante, atividade de feirante tem que ter garra.

P/1 – Tem, né? Acorda muito cedo.

R – Acorda cedo, você pode esquecer de feriado, sábado, domingo eu estou conhecendo sábado e domingo agora porque na minha vida desde pequeno que eu comecei a trabalhar, por incrível que pareça só os tempos que eu não trabalhava com o meu pai que eu não trabalhava de domingo, sábado eu trabalhava até oito horas, nove horas da noite, entende, então era de _____, então sábado pra mim eu comecei a tê-lo

agora, quando era também no posto também era direto ali já era de segunda a segunda...

P/1 – Só escolheu profissão fácil você, né?

R - ...quando eu fui pra feira todos esses lances de você não poder ter, o pessoal convidava lá, tem um churrasco, tem um almoço, vocês não me levem a mal tá, mas veja bem eu vou sair da feira eu vou chegar em casa por volta de uma e meia, duas horas dependendo, tá certo, eu vou chegar no local duas horas, duas e meia já tá todo mundo encharcado, todo mundo satisfeito e tem uns que já tão falando tchau, não me leve a mal fica pra uma próxima quem sabe numa próxima ocasião, entende, então eu ia cumprindo a minha função de profissional de feirante mesmo, tá certo, porque é duro, é duro, é duro você ir dormir tarde e eu tinha por lei quatro horas da manhã acordar porque eu gostava de chegar na feira, entrar sossegado, descarregar a minha mercadoria, tirar a minha condução e deixar espaço pra aquele que queriam entrar ou queriam sair isto é um conflito muito grande na feira, tá certo?

P/1 – É, né, a posição ali.

R – Isso as posições, entende, então você tem que ser bem coerente pra não haver atrito, como eu não gostava então eu já acordava bem cedinho chegava cedo não tinha ninguém desmontar, saía aí o pessoal ia chegando e era a minha religião.

P/1 – E você pelo jeito ficou bem satisfeito, né, de ficar esse anos todos.

R - Não, fiquei, gostei.

P/1 – 30 e poucos anos que você ficou?

R – Fiquei. Fiquei de 72 eu saí acho que foram de três a quatro anos pra trás, nós estamos em 2009, acho que foi 2004, 2005, acho que por aí assim que eu aposentei, saiu mesmo a aposentadoria aí eu parei falei, não para! Que daí eu já até então já tinha atingido o meu objetivo, aquilo que eu falei pra você quando fechou portas abriu janelas, eu agarrei janelas e transformei-as em portas e sempre tive eu minha mulher, Marilda, tá certo, com a cabeça no lugar nós sempre colocamos meta pra triunfar, nós tínhamos uma meta, tínhamos um objetivo, então religiosamente nós guardávamos o dinheiro pra cumprir aquela meta, mas era religioso mesmo ficamos muitas vezes sem diversão, perdemos várias oportunidade de viajar alguma coisa, falei, não adianta porque nós vamos desviar alguma coisa que pode fazer falta pra um futuro nosso, né, então nós fizemos a nossa poupança nós guardávamos o nosso dinheirinho na poupança, entende, até atingir objetivo atingia nós contávamos, aí quando era construção nós construíamos, aí contava outra vez então fomos realizando dessa forma, se rendesse _____ ou não, não era essa a meta nossa, entende, a meta era sim formar o valor.

P/1 – Entendi.

R – Formar o valor, sempre formou valor.

P/1 – Bacana. Legal em Jair.

R – Aí eu fui tive uma grande felicidade eu fiquei presidente aqui, a federação me ajudou muito também agradeço muito a Abraão também, entende, quando surgiu a oportunidade de juiz classista a federação me ajudou, entende, aí a minha filha casou.

P/1 – Como chama a filha?

R – Luciane. Ela casou aí o meu genro tava no vamos ver o que eu faço da vida aí como eu tava com o juiz classista ele falou: “Ah gostei!” Porque a gente sempre trocando idéia, conversando blá blá blá... Aí, ele falou: “Vou ser bacharel e vou ser promotor.” Ótimo, vai fazer, ele tava em dúvida então a gente foi ajudando ele na escola, aí chegou um dia: “Eu não vou querer nada disso!” Tava a seis meses pra se formar: “Não vou querer mais nada disso.” Falei tudo bem vamos fazer um negócio, o que você quer? Não porque o pai dele antigamente tinha locação de mesas de bilhar o tio dele também tinha mesa de bilhar e o tio dele muito rico, muito rico e ele começou a ajudar o tio, vai pra cá, vai pra lá e começou a pegar as manhas, aí falou pra mim: “Vamos fazer um negócio.” Falei não, você vai terminar, você termina o estudo, tá certo, você quer iniciar essa vida? Então tudo bem, então vamos embora, aí foi comprando mesas, foi comprando uma, duas aí vai, aí precisava condução, aí compra a condução e vê.

P/1 – Você viu a história tudo de novo?

R – Exatamente...

P/1 – Olha só.

R – Mas o que, o que eu falo, o que eu tive, você entende, para que também aquele empurrão tanto na descida como na subida, porque na descida é fácil o difícil é a subida eu também amparei o meu genro, então tudo que eu ganhava aí mudou nossa meta, né, aí nós paramos com a meta de um lado, aqui encerra, agora é aqui.

P/1 – E o genro como chama?

R – É Romeu.

P/1 – Romeu, tá.

R - Falei agora então a nossa meta é aqui e graças a Deus um rapaz muito trabalhador.

P/1 – Você tem neto já, não?

R – Tenho.

P/1 – Tem?

R – Tenho.

P/1 – Quantos?

R – Um e a minha filha falou, um e só.

P/1 – Um e só? Um menininho? É, que idade tá ele?

R – Ele tá com 12, 12 para 13.

P/1 – Tá grande já, já é um rapazinho e como é que ele chama?

R – Guilherme.

P/1 – É bonito o nome. Guilherme tem alguma veia pro comércio, não? Porque avô é comerciante, pai é comerciante.

R – Infelizmente até agora não e eu brigo com ele porque nem esporte, porque eu sempre adorei esporte e eu falo pra ele, rapaz eu na minha época, porque eu estudei em frente ao colégio Cesário Mota naquela época havia um parque infantil o melhor parque infantil da cidade aquilo lá era um monumento de parque infantil, tinha tudo, tinha quadra de vôlei, de basquete, piscina, campo de futebol, tinha pista de corrida, tinha uma horta então era magnífico e eu freqüentei ele quando era molequinho com uns dez anos eu tava no parque infantil eu fiquei lá um bom tempo e então...

P/1 – Você briga com o Guilherme pra ele fazer alguma atividade?

R – E eu fazia todos os esportes que tinham, aparecia seja lá o que for, tava lá dentro, certo, até no vôlei, né, bom também quem tem dois metros de altura basquete e vôlei é a coisa mais fácil que tem.

P/1 – É claro.

R – Tá tranqüilo, mas o que eu era bom no basquete no caso que eu driblava bem que nem no futebol, entende?

P/1 – Os bons alas, né, são.

R – Mas no vôlei eu era um desastre, no vôlei eu dizia assim, posso ficar nas costas de alguém aí?

P/1 – Mas a garotada hoje é outra coisa.

R – Não pegou, não pegou infelizmente não.

P/1 – Jair me diz uma coisa que lição você tirou do comércio, a grande lição do comércio?

R – A grande lição. A grande lição que eu tive que eu até hoje a gente carrega com a gente é que você se dedicando, você se esforçando, você procurando o seu espaço, você vence na vida graças a Deus eu venci pelo comércio, o comércio é uma lição de vida pra mim muito grande, porque a feira se você não for macho mesmo você não fica na feira.

P/1 – É mesmo?

R – Quantas vezes temporais violentos nos pegaram na feira, a única coisa que você tem que ter uma destreza imensa porque você não tem porta não tem janela não tem nada, né, e o teu capital tá ali, então quando você vê, recolher o mais rápido possível colocar na perua o mais rápido possível e alguma coisa sempre fica, tá certo, porque às vezes não dá tempo, você tem banca na cabeça, a enxurrada vindo em você, entende, querendo te arrastar os ventos fortes, entende, te pegando, aí você tem um inverso você pega um sol de 38 graus, um calor tremendo que você não suporta e você tem que desmontar a tua banca você tem e não tem jeito e com chuva a mesma coisa, tá chovendo eu fiquei esperando, esperando não passa você tem que enfrentar depois em casa você tem que estender o encerado pra secar pra na manhã seguinte estar pelo

menos um pouquinho mais seco pra você montar a banca e você chega muitas vezes e tá chovendo então tem que ser durão mesmo, tem que ser durão e eu gostava, eu gostava, entende, eu gostava de vender, gostava de ter aquela comunicação com o povo e empurrar mercadoria.

P/1 – Empurrar mercadoria olha só.

R – Tem que comprar, entende, você tem que fazer de tudo pra comprar ou pelo bla de onde veio, de não veio, do que é, do que não é, você entende, como fica, como não fica, então você tem.. E isso é gostoso, entende, você tem que convencer a pessoa a adquirir aquele produto que você tem

P/1 – Você comprava como assim? Por indicação, porque você não tinha experiência de compra, tudo bem que o Seu Manoel te ajudou, mas...

R – Exatamente ele me ensinou o princípio básico, o princípio básico, aí você vai pegando os fregueses vem falar, mas se você não tem uma mercadoria dessa forma ou de assado, entende, então você vai em São Paulo, você encontra o que você quiser, você encontra desde o um real até 100 mil, 200 mil você encontra, entende, então você vai, você entra num atacadista que tem uma clientela de uma forma, você vai no outro com mais diversidade então você vai entrando nos atacadistas específicos, então você vai procurando. A modinha nunca foi o meu forte, não, eu fui muito tradicional.

P/1 – Eu ia te perguntar qual era...

R – O meu foi mais tradicional porque hoje na feira eu passo e não vejo as mercadorias que eu tinha, entende, eu fui muito tradicional, eu sempre procurei atender uma faixa de idade mais avançada porque eles tem mais carência porque moda qualquer lugar que você vai você encontra modinha, modinha passa tranqüila ou com uma tira a mais ou com uma tira a menos você encontra, agora o clássico porque nós temos pessoas que não gostam de se vestir de uma forma assim mais avançada e nós temos e eu sempre batalhei, sempre fui muito atrás desse pessoal de um grupo de uma idade mais _____ e tamanhos bem grande, eu tinha pijama número 60, camiseta então era _____, calças também pra pessoas bem obesas, né, cuecas.

P/1 – Então o segredo é você escolher um segmento seria?

R – Escolhi, eu escolhi.

P/1 – Você acha que é ainda os segredos?

R – Eu acredito, eu acredito que você...

P/1 - _____

R - _____. Porque se você tem uma loja, num local fixo talvez você tenha uma clientela diferente a feira como eu falei pra você quem visita mais a feira são as mulheres, as cocotas poucos vem pra feira, a mãe faz a compra pra cocota, então cocota eu deixava pros meus colegas eu preferia da mãe pra cima.

P/1 – Da mãe pra cima é ótimo.

R – Da mãe pra cima _____ eu tinha uma ou outra coisinha pra cocota, mas era bem pouco a minha visão era acima mesmo.

P/1 – E você embalava tinha coisa de repente embalagem pra presente?

R – Então, há tempos atrás era tudo assim no... E também os atacadistas naquela época toda a mercadoria era embalada em papel, era embalada em papel então não tinha sacos eles não colocavam em sacos e sacolas, nada entende, fazia um pacotão e o que, que nós fazíamos recortávamos todo aquele papel nos tamanhos pra poder embrulhar a mercadoria.

P/1 – Já aproveitando papel, muito bom.

R – E competíamos um rolo de papel de presente.

P/1 – Aquele rolo que ficava...

R – Isso, então nós tínhamos um rolo de papel comum que às vezes acabava o papel da compra e tínhamos o papel de presente então falava olha, hoje já não com os tempos já modificou já foi mais sofisticado você já tem umas embalagens especiais, então modificou, mas naquela época era exatamente assim.

P/1 – Você fazia promoção, não? Algum tipo de liquidação?

R – Olha eu vou falar uma coisa que talvez você não acredite

P/1 – Acredito em tudo _____

R – Fazer promoção numa feira de roupa é fria.

P/1 – É mesmo.

R – O pessoal acredita que é porcaria quando saiu o plano cruzado, tudo tabelado, eu achei umas meias-calças da 400 a Drastosa, da Drastosa que era famosa, super barato, mas super barato falei: "Pô, eu vou levar fazer uma promoção que isso aqui vai, dois dias não tenho mais, né, comprei bastante as cores que mais vendiam, fiz um estirante coloquei todas elas bem pra fora da banca assim e coloquei o preço e escrevi promoção, um dia, uma semana, duas semanas, três semanas, guardei tudo e vamos supor que eu tinha vendido a um real e o preço normal era de três a quatro reais, tem meia calça? Tem da Drastosa, que cor você tem? Ah tem fumê, então me vê uma quanto é? Três reais.

P/1 – Ah, que interessante.

R – Tentei por outras também promoção dentro às vezes você compra também e acaba ficando um restinho de estoque, colocava pendurava um cabide assim promoção, mas...

P/1 – Não funcionava?

R – Não funcionava, nunca funcionou, entende, e passava o tempo sabe o que eu vou fazer? Recolhe temos que apresentar então da...

P/1 – Ah, legal também.

R – Distribuía.

P/1 – Legal.

R – Pra algum lar que tava precisando.

P/1 – Se tivesse que definir um momento marcante dessa sua vida de feira, desses 30 e poucos anos, um momento que foi muito marcante. Muitos?

R – Tem muitos, né, teve muitos teve bons, teve ruins, mas talvez uma das coisas que marcou foi logo que eu tava com essa segunda que tava com a minha esposa e a banca tava a zero não tinha nada, não tinha comprado, tinha dado as minhas cuecas pra poder comprar e a banca tava simplesmente pelada, aí essa freguesa, depois ficou freguesa, mas no momento ela olhou, olhou ela falou assim: "Nossa sua banca não tem nada. Como é que você vai fazer pra sobreviver?" E ela também era espanhola chamada dona Constância, na época eu não sabia o nome dela e ela falou: "Ah é dona..." _____ vamos ver o que vai fazer, né, aquilo que você pegou, eu falei nossa eu to mesmo, né? Eu estou bem baixo, aí falei, mas eu tenho que fazer alguma coisa falei assim, mas eu não tenho dinheiro, falei ah vamos procurar o Seu Manoel se indica um local que possa facilitar pra gente e realmente foi viu, ele indicou falou: "Olha, pode vender o que quiser por aí senão pagar eu pago." Mas eu tenho certeza que ele paga, ele é homem pra isso.

P/1 – Seu Manoel foi bacana então?

R – Foi, foi muito bacana, muito bacana aí, entendeu, você _____ marcou muito, porque até hoje lembro a fisionomia dela a cena no lugar, isso me marcou muito, me marcou, mas o que foi bom além de, nós estávamos sabendo que precisávamos de alguma coisa, certo, só que nós precisávamos de alguma coisa mais ainda, não só de alguma coisa precisava de alguma coisa a mais e tínhamos que fazer rapidinho senão nós íamos ser engolidos, voltar pra estaca zero.

(Pausa)

P/1 – Então esse foi o momento mais marcante?

R – Este, na minha opinião embora tenha outros tristes, né, mas esse foi que vamos dizer assim foi uma alavanca, né, foi o que mexeu, foi o que mexeu bastante pra que nós procurássemos correr com o tempo.

P/1 – E um bem engraçado, deve ter histórias ótimas de feira, não?

R – Tem, tem uma portuguesa ela comprou uma calça jeans pro marido aí passou uns tempos ela voltou e ela falou pra mim: "Oh eu comprei uma calça jeans de você meu marido engordou não serviu, né, vocês trocam?" Falei, se tiver tudo em ordem não tem problema nenhum você pode trazer que a gente troca, né, aí ela veio no outro domingo, na outra feira ela pegou ela veio pra trocar a calça jeans e ela me deu e já foi escolhendo as outras mercadorias, mas eu sempre tive, tive duas coisas pra fazer, primeiro lugar abrir a mercadoria. Abri olhei quando eu olho a barra aqui embaixo tava totalmente desfiada ele andou arrastou e gastou, aí eu falei pra ela, eu sinto muito, né, teve até dois lances engraçados teve uma outra quando eu tinha sapato...

P/1 – Então vamos lá depois a gente conta essa.

R – Eu falei pra ela não da pra trocar porque olha, não tem jeito, né, como é que eu vou vender uma calça toda aqui rasgada, tá desfiada tudo ela falou: “Ah meu senhor até parece que o senhor não é comerciante.” Falei, oh por que? “É uma pessoa mais baixa vira a barra e pronto.”

P/1 – Fácil, né?

R – Mas falou que eu não era comerciante.

P/1 – Tá vendo, mas você não trocou, né?

R – Não, jamais eu tinha por hábito quando era blusa eu fazia assim, pra desdobrar a blusa, mas não era pra desdobrar a blusa, você faz assim pra sentir o odor você não vai chegar... Na frente do freguês que não pega bem, né, então você levanta faz assim, né, aí você percebe se tem perfume ou se tem um odor de uso, tem a questão das duas coisas, não havendo em nada tudo bem, a vendo como eu consigo falar pro freguês que foi usada aí você tem que ver um perfil da família, falar assim, olha fulano eu desconfio que a tua filha pegou a tua blusa sem você ver e usou. “Por que seu Jair?” Olha, oh o perfume dela aqui. “Ah menina safada!”

P/1 – Você joga a culpa em outra pessoa.

R – Você não pode, por mais você entende, a pessoa se sente agredida, entende, ela sente agredida então você tem que fazer oh, pegar você não viu e usou agora fica difícil como é que eu vou vender você pega uma confecção toda que está aqui, né, não tem perfume de nada não tem cheiro de nada, fica difícil pra mim, “Ah eu vou chamar a atenção daquela menina da minha filha.” Quando eu tinha o de sapato...

P/1 – Isso vamos lá...

R – Foi numa Sexta Santa, banca cheia que naquela época, eu vou falar pra você vendia um horror na Sexta-Feira Santa, cheia de gente então diz “Ah eu quero trocar o salto.” Só um minutinho só que eu já troco tal e atendendo lá ela me deu o calçado falou: “Oh eu já estou escolhendo o calçado aqui.” Falei tudo bem, né, pode escolher tal. Tirei da embalagem tudo assim quando eu olho tinha pisado em cheio... Num cocô. Falei: “Meu Deus! O que que eu vou falar?” Falei: “Oh, dona, eu sinto muito não vai dar pra trocar por que essa mercadoria eu não estou tendo mais “Oh mais o senhor tem que trocar se não tiver essa troca com outra!” Aí eu falei oh dona vamos fazer um negócio, não está dando pra trocar porque eu acho que alguém na casa da senhora usou o calçado e tá com uma marquinha aqui desgastada. “Não ninguém usou, tá novo, tá perfeito.” Falei, mas usaram dona a senhora talvez não viu, e cheio de gente a banca cheio de gente, a senhora acho que não viu e usaram, usaram deixaram escondido a senhora quando a senhora experimentou e não serviu e deixaram do mesmo jeito e a senhora não viu. “Não, porque não, porque não.” Falei, olha não tinha mais jeito, falei, faz um favor pega o calçado olha o que tem na sola do sapato. “Ah o senhor me desculpa acho que foi minha tia, minha mãe, minha sogra...”

P/1 – Que coisa, né? As pessoas querem, né? Jair e você acabou, tudo bem o Seu Manoel te deu uns toques, mas você meio que aprendeu sozinho...

R – Sim.

P/1 – O comércio a gente aprende sozinho, ou não?

R – Aquilo que eu falei, em primeiro lugar você tem que gostar, você gostando as portas ficam bem abertas porque daí você fica procurando.

P/1 – Você vai aprendendo o jeito, né?

R – Vai aprendendo o jeito, você vai vendo as confecções você vai começando a sentir a tua clientela.

P/1 – Mas eu digo assim essa coisa da arte do comércio, essa coisa do vender isso tem que ter dom ou você aprende?

R – Em primeiro lugar você tem que ter o dom, tem que partir de dentro de você, você gostar do que está fazendo, amar, você tem que amar, entende, então tudo que vem de lá, aquelas controvérsias, você está naquilo que você quer você dribla, como esse caso que eu estou contando pra você e muitos outros, tá certo, e muitos outros casos, tá certo, que a pessoa, uma vez também só pra não fugir e sendo realmente...

P/1 – Claro.

R – ... Tinha uma garota tava ela e a mãe, foi num sábado comprando e olhando mercadoria e tal, tal, tal escolheu a mercadoria peguei mostrei, é, não é, tal, né, “Ah é essa daqui tal eu vou levar.” De repente “Cadê a minha carteira?” Falei, olha deve estar por aí senhora, a senhora não saiu daqui foi no máximo mais pra ali e pra cá está aí vamos ver. “Minha carteira estava aqui, minha carteira estava aqui, minha carteira estava aqui.” Aí fui lá peguei as roupas tirei não achamos “Ah aquela hora que o senhor estendeu a blusa pra mim, o senhor colocou a blusa em cima da minha carteira e pegou minha carteira” Falei, o dona, que é isso dona você acha que eu vou fazer uma coisa dessa, pra que? “Não, foi o senhor que roubou a minha carteira, eu vou chamar o guarda.” E na feira naquele tempo tinha uma policia militar mesmo, tinha, cada feira tinha um e ela chamou e esse policial militar já me conhecia a muitos anos atrás e ela chamou, falou: “Oh dona uma coisa a senhora pode ter certeza ele não pegou, conheço ele, conheço os pais dele, conheço todo mundo e eu sei que ele é honesto ele nunca ia fazer isso com a senhora.” Não porque não sei o que... E todo mundo passando vendo aquela cena e você ali, né, o que tá acontecendo caiu o teto na minha cabeça e a gente fica, né, numa situação muito difícil, aí ela foi embora não contente veio com a família inteira.

P/1 – Nossa Jair. Marido, gato, cachorro?

R – Marido, gato, cachorro e falou e brigou e disse que ia, eu disse um negócio a senhora está muito brava faz um favor volte novamente na casa da senhora e procura a tua carteira lá, mas de cabeça fria do jeito que a senhora tá, mesmo estando na vista, a senhora não vai achar volta tenta: “Não o senhor me roubou mesmo” Faz, faz esse favor, mas vamos lá em casa, vamos procurar lá em casa, vamos até lá, entende, só um pouco mais vamos rever e realmente estava na casa dela então se você não tá num ambiente que você gosta, que você quer só sai coisa ruim, porque te acusar de ladrão a público, a público é terrível, então você estando no que você gosta você querendo realmente alguma coisa da vida naquilo que você está então vai, aí tem o aprendizado também, né, primeiro é aquilo que eu falo, é aquilo que está no sangue em primeiro e depois o aprendizado.

P/1 – Você vai conseguindo sair das circunstâncias.

R – Vai conseguindo sair.

P/1 – Ela voltou pra te pedir desculpas, não?

R – Jamais.

P/1 – Não?

R - Falou pro guarda depois.

P/1 – Ah falou pro guarda? Olha que danada, também nunca mais foi na feira, né?

R – Não, não foi eu não vi mais. É ruim, é ruim porque a feira perdeu uma freguesa...

P/1 – Que pena.

R -... Por culpa dela mesma que talvez tenha imaginado que tenha pego a carteira, acha que pegou chamou atenção largou pra alguma coisa e depois saiu com a mente que estava com a carteira, mas depois ela falou pro guarda falou que tinha achado em casa, tudo bem, né, mas aquela cena ficou por uns tempos ficou voando o povo passava olhava.

P/1 – Pois é, Jair você falou agora pouco que Sexta-Feira Santa vendia bastante na feira?

R – Vendia.

P/1 – Você tem alguma teoria do porque disso? Ou é uma coisa sei lá.

R – Veja bem naquele tempo o comércio não abria.

P/1 – A feira abria.

R – A feira abria, outra muitos feirantes eram conservistas, Sexta-Feira Santa não era dia de trabalho e pela minha vó também eu não podia trabalhar, porque a minha vó era muito católica, entende, e ela falava que Sexta-Feira Santa não se fazia nada absolutamente nada, mas vó eu pedia pra ela, vó eu preciso vó.

P/1 – Não tem como.

R – Não tem como vó.

P/1 – Jair na feira uma banca de tecidos de calçado é como uma loja pra eventos, por exemplo, dia das mães, dia dos pais, natal...

R – Sim.

P/1 – ...tem o movimento maior?

R – Tem movimento maior.

P/1 – Aquela comprinha de última hora?

R – Nossa, como aparece de última hora e querendo exatamente aquilo que almejou de última hora, então é difícil aí é que entra, mas não pode ser isso, mas não pode ser aquilo, ah faz o seguinte você leva isso aqui se não gostar você vem e troca, não tem problema nenhum você pode escolher o que você quiser, pode vir sempre com a tua mãe, com a namorada, você pode escolher pra você mesmo, leva e vê se agrada agradau senão agrada você volta que nós trocamos o importante era sair com a mercadoria.

P/1 – Tá certo o importante é vender, Jair você vai na feira? Você costuma ir a feira ver mesmo estando esses...

R – Por obrigação de ofício sim.

P/1 – Não, eu to te perguntando como não de obrigação, mas como consumidor você gosta de ir?

R – Sim, gosto, gosto.

P/1 – Você compra frutas, você compra legumes, faz feira?

R – È porque eu evito pra ser bem sincero alguns amigos, entende, porque você fala “Ah Jair um presente, ah não paga.”.

P/1 – Ah tá.

R – Entende, então eu às vezes eu evito, a minha mulher fazia compra na feira, eu não comprava, quem comprava era ela.

P/1 – Pra manter a...

R – Isso, distância, tá certo, ela compra, vai lá e compra é diferente eu não gostava de comprar, outro dia mesmo eu fui tal, tava precisando a minha mulher falou assim: “O Jair vai comprar umas laranja, uma banana...” Mais não sei o que e não sei o que lá, aí eu escolhi um feirante que eu sei que ele vende pouco, entende, falei vou dar preferência pra ele comprei dele tal, tal e passei _____ numa outra feira por um probleminha lá que teve ficou bravo comigo porque eu não comprei dele, eu fui comprar do concorrente dele.

P/1 – Olha só.

R – Mas falou um monte de mim.

P/1 – Que coisa, né, Jair?

R – “Ah sindicato, sindicato não presta. Sindicato...” Então já é o sindicato...

P/1- Aí já não é o Jair...

R – Não já é o sindicato: “Sindicato não faz nada.” Tava falando, mas eu falei, ah não acredito, ah não acredito, acredito.

P/1 – Que ciuquinho, não?

R – Ciuquinho.

P/1 – Porque é um presidente bacana olha aí, o cara tinha ciúmes do presidente dele.

R – Também por isso eu não gosto de comprar, porque tem três quatro amigos então se compra de um o outro fala: “Porque não de mim.” Né, e então eu nunca fiz, agora que a minha mulher não vai, quando eu vou ela pede alguma coisa, eu dou uma preferência pra aquele que eu sei que tá assim vendendo menos, ou então aquele que eu tenho uma amizade muito grande, né, então acabo pegando dele, que também é diretor do sindicato então a gente também tem que dar preferência.

P/1 – Mas Jair num balanço assim da sua vida, as coisas deram certo, acabou tudo te conduzindo de uma forma...

R – Realmente do que eu passei, do que eu passei porque quando eu larguei dessa minha primeira mulher eu saí de uma sociedade alta, tá certo, que eles eram bens de vida e todo mundo, todos, todos, todos que me conheciam do local não me conheciam mais, sabe quando você tem uma doença ruim? Você vai passar as pessoas já te evitam pensando que você vai impedi alguma coisa, aquilo ali no fundo só um, um chamado José Araújo esse foi o único que após, cumprimentava, conversava falava: “Não, Jair cara você tem que progredir em, você tem que crescer porque eu falei pra você não deixar as heranças de lado, você fez questão de deixar eu falei pra você não fazer isso que você também tinha parte e você deixou, então agora você tem que provar que é o contrário, você não pode ser derrotado.” Então foi um, os demais e isso machuca menina, machuca como você nem imagina, como machuca quando você pensa que tem amizade, é nada, então graças a Deus eu hoje, graças a Deus, financeiramente eu tenho o meu ninho, é pequeno não tenho nada assim, né, nenhum castelo que nem os deputados tem, nada disso, mas eu tenho o meu ninhozinho sadio, bacana aquilo ali bem do suor.

P/1 – Já da pra passear um pouquinho?

R – Então quando você pensa que vai, você fica. A minha sogra está bem doente e o meu sogro bem doente, inclusive moram conosco nós estamos construindo no condomínio, perto do condomínio da minha filha também já vamos levá-los conosco, quando nós pensávamos agora nós aposentamos vamos e ficou, não subiu, não deixou.

P/1 – Ainda vai chegar, ainda vai chegar. Jair pra a gente encerrar o que você acha dessa ideia do projeto de a gente contar a história do comércio pela vivência de vocês comerciantes, o pessoal que põe a mão na massa, o que você acha da ideia?

R – A ideia é maravilhosa porque você começa a mostrar, realmente, o comerciante essa luta do comerciante essa garra de um comerciante e mostrar o pessoal de que a vida, a vida é difícil, ninguém progride, dentro das normas, dentro das normas, se caí do céu é uma outra figura, mas dentro das normas você só progride trabalhando investindo em você com muito sacrifício e o comércio é maravilhoso pra isso, o comércio da toda essa oportunidade pra você ele é amplo ele é gostoso, ele é maravilhoso, ele é uma mãe, ele é uma mãe é só você saber desfrutar dele, é um encanto, o comércio é, eu nunca tive, eu nunca pensava nesse particular o meu pensamento de garoto era outro de ser um jogador de futebol ou então mecânico nunca essa relação de um comércio de compra e venda, tratar pessoalmente com as pessoas e delas através delas você conseguir alguma coisa e você sendo organizado, você vence.

P/1 - Você não seria outra coisa na vida, não, né?

R – Não.

P/1 – Do jeito que você conta você...

R – Eu acho que não.

P/1 – Se tivesse que voltar escolher acho que você já escolheria comércio direto.

R – Comércio, comércio e de confecção.

P/1 – E de confecção?

R – De confecção, porque essa época aqui eu já tinha ido pra Jacutinga umas duas vezes.

P/1 – Comprar malhas, né?

R – Comprar malhas, coisas que poucos roupeiros fazendo, por isso que eu falo pra você a minha faixa é a mais além, então eu trabalhava com cardigãs, com blusa de lã pra senhoras, principalmente modelos assim clássicos. Claro, alguns mais avançados, né, mas principalmente o clássico que as senhoras, entende, gostavam queriam um modelo que ficava bem, modelos bonitos, mas acessível a idade das pessoas, a faixa etária das pessoas que eu gostava de trabalhar já tinha, cachecol, luva, meia de lã, o que eu vendia de meia de lã para mulheres a três quartos e a soquete e a sete oitavos era impressionante, o que eu vendia dessa meia, só eu que tinha, só eu que tinha, ninguém ia fuçar eu ia buscar tinha, tem, né, e pendurava.

P/1 – Se chegasse um garoto pra você hoje de uns 20 anos falasse assim Seu Jair eu quero ir pro comércio, o que você diria pra ele, que conselho você daria?

R – Você gosta? Pega o ramo que você quer, a atividade que você quer, você vê o lado que mais gosta e esse lado então você vai, vai, vai aprender, tá certo, a princípio aprender alguma coisa sobre a atividade que você quer e vai fundo, vai que você vai vencer assim, porque a vontade, da vontade vem a criatividade, você só tem a criatividade, mas se você não tem vontade a tua criatividade fica, eu acredito que ela fica vaga, então você tem que gostar a tua imaginação tem que crescer.

P/1 – Quando você gosta...

R – Quando você gosta você vai, a tua imaginação vai longe tanto que a minha esposa, a Marilda, né, ela segurava muito, muitas coisas, né?

P/1 – Você ficava viajando?

R – Ficava viajando, entende, e disse: “Para, para desce aqui um pouquinho, vamos devagar.” Então isso que é gostoso é você pegar o campo e ir, entende, vai no horizonte vamos embora.

P/1 – Vamos embora, então tá bom. Jair muito obrigada pela sua entrevista adorei te entrevistar...

R – Eu que agradeço.

P/1 - Deixa eu te perguntar você é pescador mesmo ou foi só a história daquela hora da foto?

R – A coisa que eu mais gosto é a pescaria, já fui pra Mato Grosso, já enfrentei tudo que tinha pra enfrentar eu já enfrentei de ruim, nós entramos uma vez num lamaçal pra chegar numa lagoa pra poder pegar isca pra poder pescar, onde você colocava o pé e carregando um barco, que o barco não entrava você tinha que carregar ele e você afundava o pé e você ia afundando, afundando, afundando esperando encontrar alguma coisa sólida pra ele parar.

P/1 – Nossa.

R – Aí você puxava a outra perna, tirar e seguir pra até chegar lá e na volta o mesmo processo não sabendo lá embaixo o que tinha e você não podia ter bota, não podia ter nada porque se você tivesse bota alguma coisa, ficava, como é que você ia tirar o pé? Entende, não tinha como você tirar o pé, tinha que ser o peso.

P/1 - _____

R – Tudo isso...

P/1 – Se acostuma?

R – Pescaria é comigo, nós fomos pescar uma vez num rio que tinha 24 horas de pernillongo, chamava Rio Negrinho, mas era 24 horas, não tinha sossego quando você parava o barco que você batia, então era normal pernillongo, bom sumia as costas da pessoa assim sumia então todo mundo tinha um pano pra bater e lá é calor pra caramba, um agasalho de manga comprida pra só deixar as mãos de fora e tudo bem cobertinho, a primeira vez que eu fui eu falei, nunca mais eu volto nesse rio, ano seguinte aonde que eu tava?

P/1 – Lá de novo.

R – Então pescaria eu adoro, eu saio pra pescar, eu vou pescar e quase não como peixe.

P/1 – Ah é? Só pelo prazer de pescar.

R – Só pelo prazer de pescar, a pescaria é comigo, vamos pescar? Vamos pescar.

P/1 –Então tá bom

R – Foram vários cantos, vários lugares.

P/1 – Que legal, tem um grupo de amigos que vai com você?

R – Tenho, tenho, tenho um monte de amigos. Que a gente está sempre junto e um grupo bom e bacana, pecador mesmo não é aquela história de que vamos pescar e vai pra gandaia, não nosso é pescaria mesmo de vez em quando você entra com alguém diferente, Mato Grosso veio uns dois, três diferentes no meio aí falava, você quer ir boa viagem, feliz aniversário, boas festas se divirtam tá, mas o meu negócio é a varinha, pesca.

P/1 – Legal, então de novo Jair muito obrigada...

R – Eu que agradeço.

P/1 – Por você participar do projeto. Tenho certeza de que a sua entrevista foi mágica. Obrigada. Foi uma honra te entrevistar. Valeu.

R – O prazer foi todo meu, Cláudia, e espero que essa investida seja um grande sucesso. Parabéns por essa iniciativa de mostrar esse lado da pessoa, do comerciante e do comércio.

P/1 – Obrigada, Jair.